

Resenha do livro

MARTINS JUNIOR, Ângelo. *Lives in Motion. Denmark: Whyte Tracks, 2014.*

Profa. Dra. Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro / INHIS / UFU¹

“Eu nunca falei que era por causa do Inglês ou para economizar dinheiro. Por que vir para Londres? Meu irmão mais novo havia decidido vir pra Londres com a namorada, não sei porque. Daí ele convenceu meu outro irmão. Eu era assistente de gerente de uma loja quando decidi (...) Minha irmã, aos dezoito anos, saiu de casa, ela disse que não suportava mais viver com meus pais, saiu e se casou. Foi morar no Uruguai, com um uruguaio. Outro irmão mora nos EUA e outro se casou no Rio. (...) Daí eu decidi vir pra cá quando vi que realmente iria ficar sozinha com minha mãe. Minha mãe é uma pessoa adorável, uma grande mãe, mas como mãe de homens. Eu lutei com ela todo o tempo. Tínhamos sempre muitos conflitos” (MARTINS Jr, 2014, p.31).

Como se pode observar no relato de Rose, acima, não é apenas a situação sócio-econômica que motiva brasileiros e brasileiras que se deslocam para viver no exterior. Como o sociólogo Ângelo Martins Júnior nos ensina, em seu livro, tampouco é fácil refletir sobre o movimento de sujeitos em busca de outros horizontes de vida. Em Londres desde 2008, ele pesquisa o processo de deslocamento e assentamento de brasileiros oriundos de diferentes contextos em suas expectativas e experiências vividas sob diversas formas de trabalho, lazer e moradia no exterior.²

O resultado desvela uma cartografia da vida de brasileiros na capital inglesa, e uma reflexão complexa sobre aspectos que emergem entrelaçados ao desencantamento de segmentos específicos da população, no trânsito depráticas de educação e trabalho – de caráter mais ou menos formal e legal – e em relações de alteridade. O autor acaba por descortinar um jogo de situações multiformes, que recebem acurado tratamento conceitual e interpretativo no processo de elaboração metodológica construído pelo autor.

Bem fundamentado, o estudo atravessa testemunhos que exibem movimentos de “escape”, “evasão”, transformação, em suma, desejos de libertação ou liberdade, e modos de subjetivação, sob contingências singulares e em transição. Na condução de sua análise, o autor reconhece balizas referenciais em teorias férteis da sociologia: Weber, Elias, Bourdieu, Simmel, Giddens, Bauman, Deleuze, Boltanzki, Chiapello, Da Matta. No vasto campo da temática da migração no mundo globalizado, discute e relê

1A professora fez estágio pós-doutoral na Goldsmiths, University of London, com o apoio da CAPES, em 2015, onde tomou contato com o livro e a pesquisa em questão.

2A dissertação de mestrado foi defendida em 2012, na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. No momento, o autor defendeu tese de doutoramento no Departamento de Sociologia da Goldsmiths, University of London, onde leciona como Associate Lecturer.

criticamente as perspectivas de Knowles, Harper, Alexander, e também Sassen e Castles.

No que tange à especificidade da migração de latino-americanos e brasileiros, ao longo dessa aventura sociológica, ele afina seus instrumentos ao dialogar com Torresan, Martes, Margolis, Goza, Sasaki, Assis, Soares, Fusco, Machado, entre outros. Ele vai além, portanto, do modelo baseado no “migrante econômico” para pensar migrantes contemporâneos como efeitos e instrumentos das “redes de solidariedade”, não apenas imersos em redes baseadas nos laços de apoio e reciprocidade, mas em teias que significam novos poderes, controles, exclusões e constata assimetrias em movimento.

Com fluência e articulação, o texto entretetece recortes empíricos e teóricos, e fornece elementos úteis para que o/a leitor/a consiga viajar no pensamento e também ler e reviver as aventuras ou desventuras da migração. Nas falas dos migrantes, acompanhamos as motivações, os fatores determinantes da chegada, a primeira casa, o primeiro trabalho, o contato e a adaptação mais ou menos dura aos códigos do cotidiano em outras plagas. Em seguida, ele aborda as primeiras redes de contato, geralmente atreladas ao mundo do trabalho, a partir das quais é possível estabelecer um importante espaço de mobilidade, mas nelas já aparecem os mecanismos de “controle” e “exclusão”.

Vivendo entre brasileiros, inclusive as experiências que escolheu analisar, Martins Jr destaca o momento em que migrantes repensam seus objetivos. Em direção contrária ao encantamento propiciado pela possibilidade de economizar dinheiro e consumir, o corpo exaurido pelo trabalho intenso, nesse momento, demanda uma revisão do estilo de vida. Adentrando tais mudanças na esfera do simbólico, o pesquisador observa como a cultura da migração está atrelada à representação do “vencedor”, esta que parece uma bandeira, um norte e uma permanência, e como tal imagem estrutura as narrativas tanto daqueles/as que vivem em Londres quanto dos/as que ficaram no Brasil.

Adiante o autor aborda as negociações em torno do “retorno”, enunciado recorrente entre as razões construídas para justificar ou não a permanência no exterior. Um retorno que se apresenta, na maior parte das experiências, como uma ansiosa referência para os momentos de maior ou menor emoção e um horizonte permanente de expectativas ou (im)possibilidades. A “solidão” aparece, então, com força nos depoimentos, e também as igrejas e os cultos parecem ter relevância no cotidiano instável das reflexões sobre o que tem sido (e o que seria) a vida em outro lugar.

O autor demonstra como a travessia é penosa e controversa na vida de brasileiros que se desdobra na esfera da informalidade, da ilegalidade, e da ilicitude. Em que pese a sensação motriz de encantamento com o novo, eles vivem imersos em um ambiente de receios e controle, desde a entrada no setor de imigração, nas redes de compatriotas e de concorrentes e também no enfrentamento dos códigos e das ilegalidades. Os mercados informais, ele analisa, onde essas geralmente pessoas se imiscuem, são funcionais para a economia e, nesse sentido, ao invés de serem proibidos ou interditados, são administrados justamente por serem espaços necessários de produtividade e controle de trabalhadores migrantes nos países desenvolvidos.

O trabalho nessas circunstâncias é objeto especial de exame, particularmente em relação ao sujeito tratado como mão-de-obra, ou força disponível para apropriação do mercado de trabalho. Na informalidade, e muitas vezes sem os documentos que definem as relações de contrato, contudo, ele não vende apenas sua força física, mas também sua aparência e emoções, especialmente no setor de serviços, desonerado financeiramente das garantias e das despesas assistenciais do trabalho legal.

Trata-se de uma reflexão sensível do acadêmico que pensa o corpo útil e docilizado. E também daquele que viveu no corpo a experiência – ele chegou a trabalhar setenta horas por semana, perdendo a saúde –. E percebeu nela como funciona a representação do sujeito visto como superior no olhar de seus pares no trabalho e na casa, significativa do *status* construído de sujeito forte, resistente, sadio e sobretudo endinheirado, que consome, sonha e “vive em Londres com liberdade”. Com liberdade?

As posições de sujeito são exploradas ao longo de toda sua aventura refletida. Com especial atenção, ele observa as dominações nos micro-espacos do cotidiano e enxerga assimetrias em movimento. O domínio do idioma, o nível educacional, a posição familiar de origem ou de classe, as atividades de trabalho desempenhadas, são elementos dos discursos que exibem hierarquias sendo criadas e quebradas a todo tempo. “Goianos”, “paulistanos”, “cariocas”, “paraibas” e também a questão da cor são novos marcadores sociais que embaralham as antigas posições reconhecidas. Essa é uma das questões singulares e inovadoras investigadas e discutidas no campo de sujeito que vive, sistematiza e repensa à luz do fazer sociológico.

“Eu não vou trabalhar mais naquele lugar mal-cheiroso, em meio àquela escória de brasileiros. Eu não sou negra para trabalhar como escrava, limpando a sujeira dos outros. Quem essa mulher negra pensa que é para me dar ordens? Eles não sabem sequer falar português corretamente e querem me dar ordem?”, reclama a mesma Rose, em relação à supervisora do trabalho, uma brasileira negra.

Um cotidiano de contradições, conflitos e falta de confiança entre os próprios brasileiros é outra dimensão relevante explorada pelo autor. A falta de amigos, a solidão, aparecem insistentemente nos depoimentos colhidos. A possibilidade de “fazer dinheiro” e ampliar as economias para realizar o sonho do retorno e da casa própria, convivem com o trabalho árduo, o corpo exaurido e o sentimento de provisoriedade. No livro, o paraíso do consumo convive com o purgatório das ilegalidades. Os corpos migrantes, a princípio fortes, ansiosos pelo resultado financeiro do trabalho geralmente declinam, ou reassumem o valor (ou desvalor) que sempre tiveram como corpos-mercadorias do capitalismo tardio.

Com suas expectativas mais ou menos alcançadas e frustradas, com seus discursos ambivalentes, um conjunto de depoimentos de vida desfilam sob o exame crítico e engenhosamente articulado pelo autor. Assim, a “liberdade” reconstruída no imaginário de migrantes convive com o sentimento de “solidão”, “fluidez” e “isolamento”, ainda que alianças amorosas, uniões almejadas, parcerias episódicas e

desejos de estabilidade habitem no presente ou povoem as projeções de futuro em terras estrangeiras, e o retorno parece tingir a fronteira de um "exílio", ou ao menos uma preocupação permanente que não se dissipa no horizonte de possibilidades.

Martins Junior nos apresenta um estudo original sobre complexa questão, e consegue apreender fotogramas de uma negociação constante da vida em movimento, nas falas de sujeitos e de suas existências em trânsito, em suas origens recriadas, seus planejamentos frágeis, seus discursos provisórios. A observação sensível de quem viveu, a seriedade amadurecida do pesquisador sagaz, os diálogos travados em escavações teóricas renovadoras, transparecem no texto que convida a trilhar, ao lado do autor, essa aventura sociológica que revolve criticamente o território onírico da vida de brasileiros de além-mar. Como os contos de fadas, repleto de emoções, ou como a realidade, cheia de contradições e dissabores, o sociólogo desvela com destreza o imaginário e a realidade de migrantes brasileiros nas terras da Rainha.

Segundo Bauman e May , o pensamento sociológico promove necessariamente o entendimento produtor de tolerância e a tolerância que viabiliza o entendimento. E a sociologia é "central para qualquer tentativa de nos compreender melhor". Acompanhando as lições dos mestres, Ângelo Martins Júnior, munido das ferramentas exploratórias do pensamento científico, ensina e demonstra como transitar entre nossas expectativas para o futuro e as experiências obtidas do passado e do presente, justamente no "espaço que o pensar sociologicamente ilumina e a partir do qual podemos aprender mais sobre nós mesmos, os outros e as relações entre as aspirações, ações e as condições sociais que criamos e nas quais vivemos"(BAUMAN, MAY, 2010, p. 286).

BAUMAN, Zygmunt e MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 286

Recebido em 10 de novembro de 2016

Aprovado em 20 de dezembro de 2016